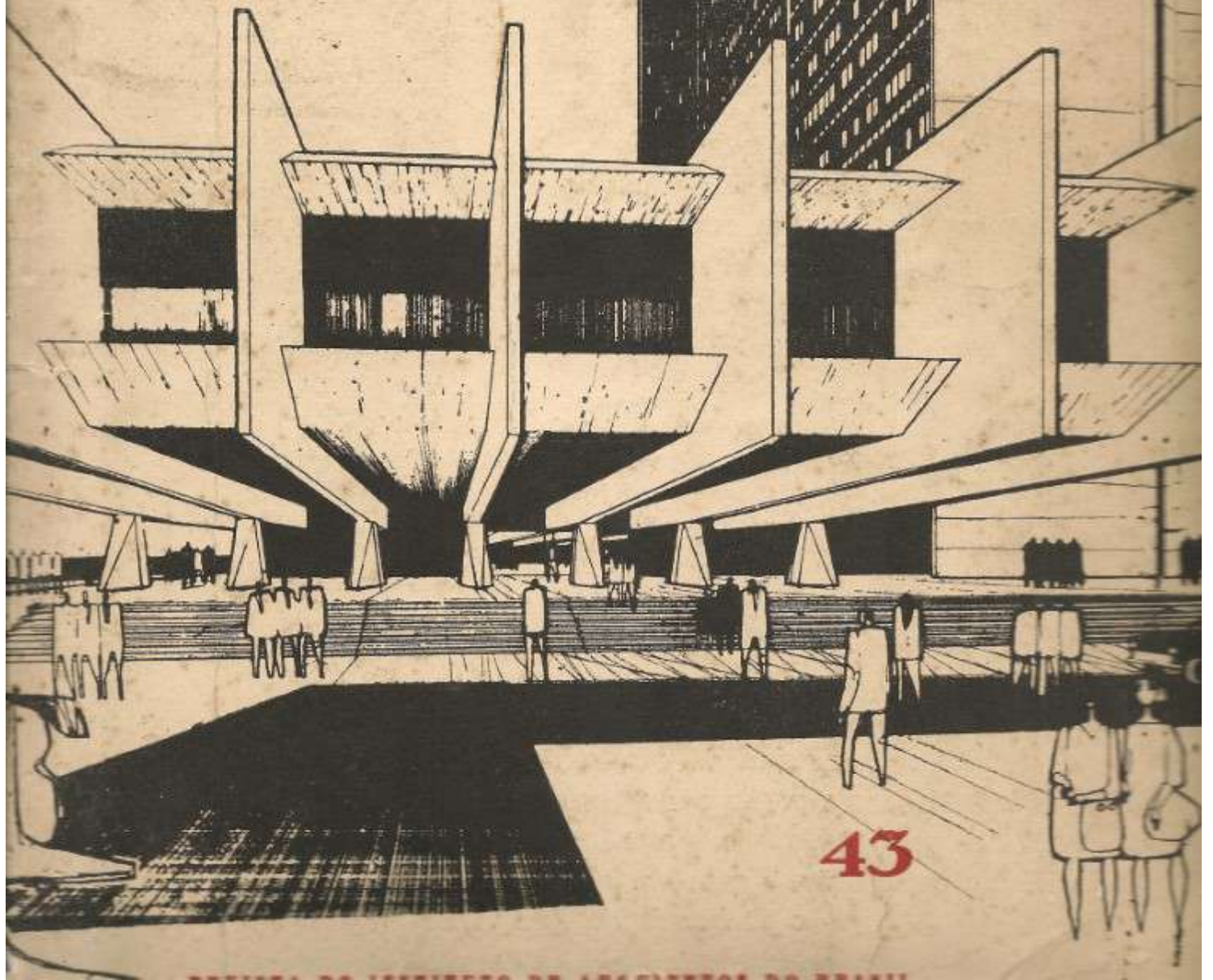


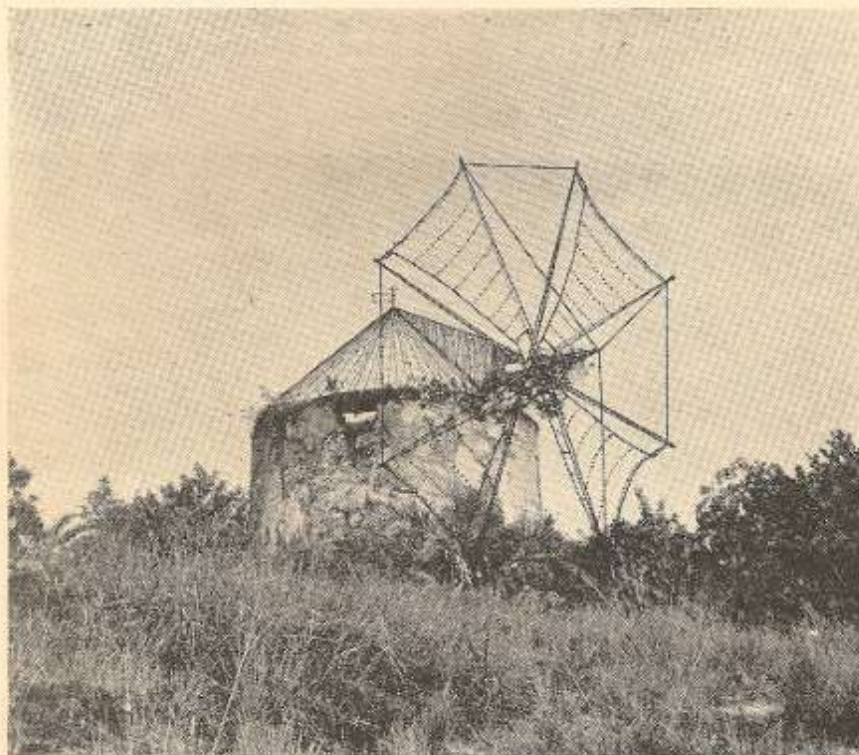
ARQUITECTURA

January 1966



A propósito de moinhos de vento

Arq.^o Paulo de Azevedo, IAB-GB



Datam do primeiro século da colonização portuguesa as notícias sobre a construção de moinhos de vento no Brasil. Sabe-se da construção de um para arroz e milho onze anos após a fundação do Rio de Janeiro, mais tarde conhecido como Moinho Velho. São bastante conhecidos os documentos e gravuras os moinhos que Manoel Gonçalves Duarte construiu no começo do século passado no morro dos beneditinos no Rio de Janeiro sob contrato de congressão firmado pelo Mosteiro e outorgado. Dêstes e de outros nada restou a não ser documentos e gravuras.

Recentemente, porém, encontramos próximo ao povoado de Mar-Grande em Itaparica, em terrenos que hoje pertencem a Companhia de Jesus, uma ruína que, a despeito da inexistência de documentos comprobatórios, não temos dúvida tratar-se de um moinho para grãos, provavelmente do século XVII. Na cumeada de um outeiro de aproximadamente 30 metros de altura, cuja falda se estende até a praia e sobre o qual sopram as brisas do oceano através do boqueirão da Bahia de Todos os Santos, está situada uma robusta construção cilíndrica com diâmetro externo de 6,8m de altura de 5,20m. No espesso muro de pedra, que atinge 1,20m próximo à base, pode-se contar uma porta e três janelas altas. Porta, janelas e nichos internos são todos orlados de cantaria, sobre a porta fragmentos de uma voluta em massa. Ainda de cantaria são as pedras de coroamento da construção, aonde um sulco servia de guia a rotação da superestrutura montada sobre rodas. As referidas pedras atracam-se entre si por meio de "gatos" de ferro formando uma cinta de contenção do edifício. Internamente ainda se pode distinguir as marcas de um assoalho a 3,40m de altura. Assoalho sobre o qual deviam apoiar-se as pedras de mó. O acesso a este plano era feito por uma escada helicoidal com pisos em arenito. Da superestrutura de madeira não sobrou vestígio. Em moinhos como este ela era formada de um carro circular de madeira sobre o qual estavam montados os mancais do eixo, ligeiramente inclinados, do catavento. Rodas dentadas de madeira a semelhança de um sistema "coroa e pinhão" multiplicavam e transmitiam o movimento ao eixo vertical que acionava a pedra de mó. O conjunto era protegido por uma cobertura cônica, e o catavento formado por quatro velas em pena inscritas em um octógono de aproximadamente 12m de diâmetro. O passo de hélice era controlado pelas escotas das velas. Cinco ar-



golas de pedra próximas do coroamento serviam como pontos de apoio para a rotação do catavento a procura das monções que sopram sobre a ilha. Tractionando uma corda amarrada a uma das argolas por meio de um sarilho montado sobre o carro circular era possível fazer girar toda a superestrutura.

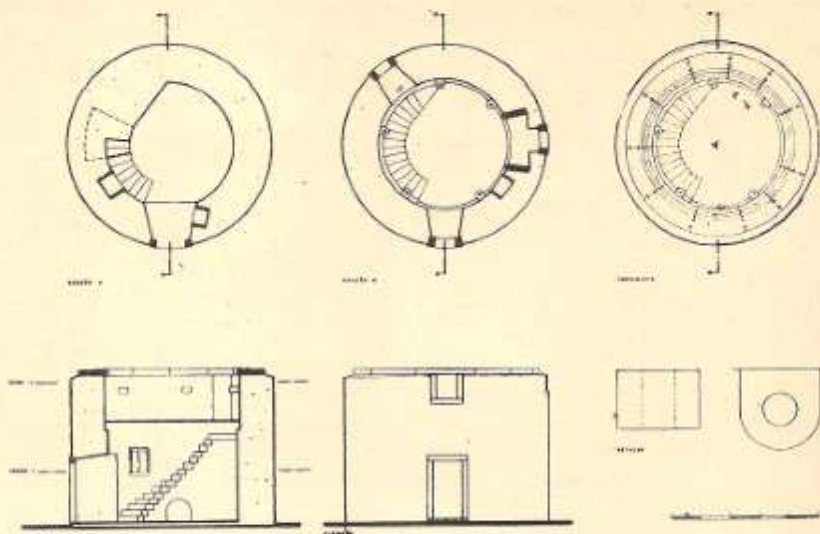
A planta e as elevações deste moinho apresentam impressionante semelhança com o levantamento de um dos moinhos do Morro de S. Bento no Rio, realizado por FREYCINET e reproduzidos em desenho por A. de Gestas em "Atlas historique du Voyage de Freycinet". (1)

Sobre o moinho em questão não encontramos nenhuma referência historiográfica, mas tudo nos leva a crer tratar-se de uma construção jesuítica do século XVII. A primeira ocupação da ilha deu-se em 1590 pelo jesuíta Padre Luiz da Gran e seus companheiros de catequese que fundaram uma aldeia e igreja sob a invocação do Senhor de Vera Cruz na banda oeste da ilha (2). A freguesia de Vera Cruz, cujas terras se estendiam até o Mar-Grande, era das mais importantes do Arcebispado da Bahia e em 1757 possuía 2.400 almas, segundo o relatório do Pe. Christovam Santos. Ao longo das praias do Mar-Grande pode-se ver velhas ruínas provavelmente da próspera indústria de óleo de baleia iniciada em 1624 de que falam documentos da época. Em 1647 tropas holandesas, chefiadas por Siegsmundt Van Schikope, invadiram a ilha de onde foram expulsas no mesmo ano pela população local. A hipótese de se tratar de um moinho holandês está totalmente afastada tanto pelo tipo do engenho que é caracteristicamente português, como pela pequena permanência e propósito dos holandeses em Itaparica. De qualquer forma, o moinho deve ter deixado de funcionar há quase dois séculos pois dificilmente teria escapado a observação de Martius e Spix que estiveram na ilha em 1818 e de outros observadores que a visitaram no mesmo período.

Pelo sentido lírico e raridade de tal tipo de construção em nosso meio deve a referida construção ser tombada e restaurada inclusive em seu funcionamento.

(1) — Vide artigo de Hircio Férmo de Miranda, "Cataventos na paisagem colonial esloca", in revista "Arquitetura" n.º 30, dezembro de 1964.

(2) — Ubaldo Osório, Monografia "A Ilha de Itaparica", Bahia 1928. □



1— Foto-montagem mostrando o presumível aspecto primitivo do moinho.

2— Interior do moinho e escada helicoidal que conduzia ao segundo piso.

3— Plantas baixas e elevações. — Levantamento feito pelo autor.

4— Coroamento da edificação vendo-se a guia para giro da superestrutura e uma das argolas de pedra.

5— Frontaria do moinho, vendo-se a voluta e arco de descarga sobre a porta.

